

PAI E MÃE, DOM PARA OS FILHOS

Maristela e Marcio- Região RS I

Ttestemunho – 18 de julho de 2008.

“O Senhor fez em mim maravilhas e Santo é o seu nome!”

Bom dia queridos irmãos! Estamos aqui com o propósito de contar-lhes um pouco sobre as nossas vidas. Vida que se agitou muito com o chamado para estarmos aqui hoje, pois foi necessário abrir nossos corações e refletir sobre algo que conscientemente não mexemos todos os dias. Então vamos lá. Somos Maristela e Marcio, pais das meninas Laura, com 9 anos e Antônia, com 3 anos.

A primeira vez que nos vimos, e não trocamos nenhuma palavra, foi na Paróquia Cristo Redentor, em Porto Alegre. Nos reencontramos e nos conhecemos na fila de matrícula da faculdade para realizar o mesmo curso, impressionante, parece coincidência, mas não é. Construimos uma amizade que dois anos mais tarde tornou-se namoro. Estamos casados há 14 anos e pertencemos às Equipes de Nossa Senhora há quase o mesmo tempo, pois casamos em julho de 1995 e nossa pilotagem, com a Graça de Deus, começou em setembro do mesmo ano, na Equipe Nossa Senhora de Schönstatt, no Setor A. Hoje, somos integrantes da Equipe Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças, Setor E, Porto Alegre, Região Rio Grande do Sul I.

É muito bom recordar, ... mas vamos ao tema proposto para nosso testemunho e que compartilharemos com vocês: *pai e mãe, dom para os filhos*.

Nesse tempo de casados procuramos construir nossa vida com base nos fundamentos cristãos, o que não é tão fácil assim, afinal, somos humanos. Ao mesmo tempo, sabemos que não é impossível, ainda mais quando nos entregamos à vontade do Pai e podemos contar com meios que nos ajudam e facilitam a espiritualidade conjugal, como propõe o movimento das ENS.

Quanto ao início da nossa caminhada, refletimos sobre os desafios enfrentados para constituir uma família, ou melhor, tornar-se uma família com as exigências dos dias de hoje, sem esquecer que estamos inseridos num contexto de um país com instabilidades, injustiça social e severas desigualdades. Tivemos de associar estudo e trabalho – uma rotina desde o início do nosso casamento. O tempo sempre escasso e o convívio limitado. Como muitos casais sabem, as dificuldades são de toda ordem, mas, no meio de tudo isso, sempre houve uma clara intenção de não abrir mão da dimensão espiritual.

Na busca das condições básicas que elegemos, assumimos determinados comportamentos ou ideias. Nos envolvemos com mais trabalho, compromissos, estresses de notícias próximas e distantes, que nos afetam pela facilidade e rapidez com que as informações circulam hoje. Tudo isso tem um preço

no nosso dia-a-dia. Como consequência, ficamos mais suscetíveis às discussões e desarmonias, terreno fértil para um convívio conjugal e familiar comprometido.

Então, nesse contexto de vida, nos sentimos cada vez mais encurralados. Preocupados com tantas prioridades, as quais, muitas vezes, não são exatamente as nossas prioridades essenciais – temos consciência disso!

Tão atrapalhados, chegamos a pensar no “momento ideal” para ter filhos. Quando e como tornar-se família. Mas... pensando bem, quando isso acontece não estamos esquecendo que somos “criaturas” e não “criadores”?

Com essas motivações, pautamos nosso testemunho por algumas reflexões, tal como segue:

Nossa primeira reflexão é que a vida nos impõe abandonos!

O Evangelista João (12,24) nos ensina que é preciso que o grão morra para tornar-se fruto. Dessa forma, reconhecemos que foram muitas as vezes em que nos abandonamos na esperança e na certeza de um dia melhor em nossas vidas.

A começar pela decisão de nos unir em matrimônio. Foi nosso primeiro abandono – o da casa dos nossos pais. Trocamos o conforto da vida de filhos para as responsabilidades de formarmos nossa própria família. Tomamos essa decisão pela expectativa de felicidade na construção de uma vida nova a dois!

Logo em seguida, começamos a pensar na chegada dos filhos. Nesse momento, vivemos um novo abandono: o da comodidade da vida a dois. Sabíamos que a partir da chegada de um filho, nada mais seria como antes, então, nos entregamos a essa partilha de vida que só termina quando chamados de volta à casa do Pai Celeste.

Como a maioria dos casais, acreditávamos que a paternidade biológica seria um acontecimento natural e, de certa forma, planejada. Engano nosso! Tivemos de pensar na paternidade pela adoção, o que nos exigiu ainda outro abandono: do projeto biológico da paternidade. Indiscutivelmente, mereceu uma entrega a Deus, nosso Criador, fonte de vida nova!

Ao mesmo tempo, percebemos que, fosse filho biológico ou do coração, por sua natureza humana sofreria o abandono do seio de quem fisicamente o gerou. Afinal, o filho recém-nascido também abandona-se na providência divina, com a esperança de uma vida nova junto à família que Deus lhe concedeu!

O Frei Cantalamessa, no VI Encontro Mundial das Famílias, ocorrido em janeiro deste ano na Cidade do México, nos lembra que a família é um projeto de Deus, onde “matrimônio e família são ideais a se descobrir e viver em plenitude, constituindo uma poderosa forma de evangelização para toda sociedade”.

A segunda reflexão que fazemos é que a vida é dinâmica.

A vida nos revela fatos novos, inesperados, de tempo em tempo. Mas por que isso acontece? Por certo, esses momentos existem porque Deus quer que possamos amadurecer nossos pensamentos e atitudes diante da vida. Percebemos que, quando isso nos acontece, são momentos evidentes de conversão, pois nos exigem mudanças de atitude e tomadas de decisão – acima de tudo, uma oportunidade de reencontro com o que é essencial, com o que está no plano de Deus, com a pequenez da condição de “criatura” que somos.

Queremos partilhar com vocês o que aconteceu de inesperado conosco nos primeiros anos de casados. O tempo começou a passar, passar... e nada de engravidarmos. Então, começamos a realizar algumas consultas, exames, algumas frustrações, mais exames e a possibilidade de um diagnóstico de infertilidade.

É, a vida é dinâmica, mesmo. De uma hora para outra, tudo muda. O que fazer com essa notícia? Não nos sentimos amedrontados, em pânico ou sem esperança. Talvez, naquele momento, perguntávamos apenas o porquê disso acontecer conosco, mas, a resposta já vinha como num sopro em nossos ouvidos.

Bastaram alguns dias, após os resultados que traziam a impossibilidade de gravidez e recebo um telefonema da Maristela, que estava em seu trabalho, na UTI-neonatal de um hospital. “Sabe quem está no meu colo?” Disse-me ela. Maristela estava com uma menina chamada Michele. Contou-me que se tratava de um bebê que estava ali aguardando ser encaminhada a uma casa de passagem – uma espécie de orfanato, onde bebês esperam pelos trâmites legais e por seus pais adotivos.

Naquele instante a Graça de Deus se fez presente em nossas vidas e descobrimos, a partir daquele momento, que seríamos pais. Nos sentimos verdadeiramente grávidos. Nossos corações transbordavam de felicidade, na alegria de realizarmos o projeto de família, ser pai e mãe. Afinal, nos casamos para sermos felizes e cremos nas palavras de São Paulo aos Romanos (8, 28): “...tudo concorre para o bem daqueles que amam o Senhor...”.

Se esse é o caminho para um casamento fecundo, que seja feita a sua vontade!

Na realidade, não nos movimentamos para adotar a pequena Michele. Ela apenas foi instrumento de Deus para apascentar nossos corações e dar um passo importante no início da caminhada para a adoção!

Então, percebemos que gerar vida era, antes de mais nada, um estado de espírito.

O que fizemos naquele momento foi dar nosso “sim”.

Um “sim” que liberta.

Nos libertou da dimensão onipotente de “criadores de vida”, da sensação de autônomos no mundo, para nos reconhecermos como dependentes de Deus.

O que fizemos foi dar nosso “sim” ao plano de Deus.

Nesse processo, renovamos também o “sim” como esposos. Confirmamos os votos de estarmos juntos na alegria e na tristeza e de receber os filhos que Deus confiasse ao nosso cuidado.

Aceitamos ser pais adotivos e, da mesma forma que acontece com pais biológicos, receber a missão e o compromisso de fazer crescer uma vida nova, por todos desconhecida. A partir desse momento nos sentíamos grávidos no coração, na alma, todo nosso ser.

Depois disso, nos encaminhando para uma nova reflexão, percebemos que quem quer realmente ser pai e mãe, quer apenas uma coisa: quer amar!

E amar é um dom!

O dom de ser instrumento de Deus. Por quê? Porque Deus é amor.

Então, evidentemente, nos damos conta de que não somos nós que amamos, mas Deus é quem ama através de cada um de nós!

Nesse dia entendemos nossa **terceira reflexão**:

O amor gera vida!

No evangelho escrito por São Mateus, Jesus disse que “o que fizerdes a uma dessas criancinhas, a mim estarás fazendo”.

Bom, num primeiro momento, pode-se pensar no bem que estamos fazendo a ela, na benevolência, na caridade, no desprendimento. Nada disso.

Se o que ocorre verdadeiramente dentro de nós é gerar vida nova na perspectiva de que Deus é amor, então, é essa criança que estará nos fazendo o bem. É ela que nos fará caridade, nos permitirá amar e vai nos transformar com o amor de Deus que ela infundirá em cada um de nós!

Foi nesse espírito que recebemos a notícia de que nossa filha Laura estava nos esperando, numa pequena cidade de imigração italiana do interior do RS. A recebemos em nossos braços como o mais lindo presente, que aqueceu a vida de todos, pais, tios, avós, bisavós, amigos e irmãos em Cristo, naquele inverno sulino de 1999. Era 30 de agosto, ao chegarmos no hospital, ainda sem descer do carro, a Assistente Social me diz: “Marcio, vem ver tua filha, ela é a tua cara!”. Dessa forma fomos acolhidos pela pequena Laurita.

Lembramos de Efésios (1,3-5), onde está escrito que Deus também nos adotou como filhos. Assim, nos tornamos dons uns para os outros – misteriosamente, sem a herança biológica: nos tornamos imagem e semelhança do Deus-Pai que nos adota (não é isso mesmo!).

Para todos nós, pais e mães, essa entrega é absolutamente necessária! E bem apontada pelas palavras do Pe. Caffarel em seu livro Amor e Graça, onde ele nos diz: “Só a vida é criadora de vida” e, portanto, “Só se dá a vida, dando a sua própria vida!”.

Estando numa maternidade e paternidade tão convictas, decidimos amamentar a Laura. Coloquei-a no peito, com persistência, e aguardei que o corpo reagisse e o leite descesse. Até que no dia de Nossa Senhora Aparecida, instantes após receber o sacramento do batismo, Laura recebeu um pequeno mimo de Deus: o leite materno. Então, concretizou-se aquilo que acreditávamos sem nunca ter visto, apenas ouvido falar – como o leite que mana da Terra Prometida descrita no Livro de Ezequiel (20, 6).

Há ainda espaço para surpresas? Sem dúvida.

Em maio de 2005, Laura próxima dos seus 6 anos de idade, algo de novo passa a nos movimentar. Maristela estava grávida. Era fato inesperado, mas muito bem-vindo. Acima de tudo, por acreditarmos que essa benção veio pela presença de Laura em nossas vidas. Pois, em nossos braços, ela, Laura, nos fez pai e mãe. Nos tornou fecundos. Naquele momento, mostrou-nos que “tudo é possível naquele que nos fortalece” (Fl 4,13), quando menos esperávamos.

Então o Salmo 129 serviu-nos de reflexão: “Senhor, Tu me sondas e me conheces; Tu conheces o meu sentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento”. Nosso querido Pai sabia que queríamos aumentar a família e tomou a decisão por nós, não deixou o tempo passar, nem que acreditássemos em nossa independência no universo.

Naquele mesmo ano, entre o Natal e o Ano Novo, nasceu Antônia. Hoje uma espoletinha de 3 anos, que salta e pula que nem pipoca; nos tonteia com seus “porquês”; imita e segue os passos de sua mana Laura.

Quanto aos filhos, um pensamento sempre nos norteou: serão erros e acertos na educação e o ponto de referência é a coerência!

Frei Cantalamessa refere a imagem plural do casal, o “nós”, que aos filhos deve se reproduzir em “eu e tua mãe, “teu pai e eu”.

Os pais são os primeiros catequistas – nossa quarta reflexão.

João Paulo II afirmou que “a família foi criada por Deus para ser uma escola de amor”. Nisso nos baseamos, cientes de nossos defeitos e virtudes. Temos convicção de que a família será o espaço de sedimentação de valores, onde também deve acontecer a divergência e a convergência; o perdão e a reconciliação; o exercício de sermos melhores, mesmo carregando uma bagagem de qualidades positivas e negativas, que às vezes aproximam, outras afastam. Somos assim, seres humanos, limitados, que devem seguir o caminho indicado por Jesus Cristo para alcançar a virtude e a salvação!

Então, ser pai e mãe, para nós, é buscar em casal a vida de fé, de união e amor. Esse testemunho, entrelaçado na educação dos filhos, é que se faz dom! Essa herança é que nos torna dons para os filhos, muito mais do que a genética ou um testamento recheado de bens materiais.

Deixaremos vocês, agora, com algumas imagens que ilustram essa caminhada... que resgatam momentos de nossa vida... nada diferente da vida de vocês... imagens que desenham alegrias e tristezas, realizações e frustrações... mas que, com a graça de Deus, se permitem ilustrar a vida de pais que querem, desejam, ser dons para os filhos